

**DIVISÕES DA MEMÓRIA:
O PASSADO DE SOBRAL NOS ESCRITOS DE PADRE MENDES LIRA**

Ana Carolina Rodrigues da Silva

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a produção historiográfica e memorialística produzida pelo historiador Padre Mendes Lira sobre a cidade de Sobral. Pe. Lira compreende Sobral como uma das principais "cidades culturais" do estado do Ceará. Analisaremos os discursos sobre a memória e o passado de Sobral, com o intuito de entender as construções imagéticas sobre a cidade e a defesa de sua memória. O corpus de nossa análise constitui-se das obras de Padre Lira e da coluna Nossa História presente no jornal Correio da Semana, publicados entre os anos de 1971 e 1978. Para isto, tentaremos responder as seguintes questões: Em que medida Padre Lira se constitui como um "militante da memória" sobralense na defesa do patrimônio local? Quais são as tensões sociais implícitas em seus textos? Como o discurso usado pelo padre contribuiu para a exaltação enquanto Princesa do Norte? Nossa pesquisa é sobre os escritos de Pe. Lira acerca do passado de Sobral e da influência exercida por estes no imaginário de sua época.

Palavras-Chave:

Memória; Discurso; Sobral

This paper aims to analyze the historiographical and memorialistic production elaborated by the historian Father Mendes Lira about the city of Sobral. Fr. Lira regards Sobral as one of the "main cultural" cities in the Federal State of Ceara (Brazil). We will analyze the discourses on the memory and the past of Sobral, in order to understand the constructions of images about the city and the defense of its memory. The corpus of our analysis are Fr. Lira's works on Sobral and the weekly column "Nossa História" in the newspaper "Correio da Semana", published between 1971 and 1978. To do it, we will try to answer the following questions: To what extent is Fr. Lira a "militant of the memory" of Sobral in defense of the local heritage? What are the social tensions implicit in his writings? How Fr. Lira's discourse is a contribution to exaltation of Sobral as Princess of the North? This research is on Fr. Lira's writings about Sobral's past and its influence on the imaginary during Fr. Lira's lifetime.

Keywords:

Memory; Discourse; Sobral

“Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai,
que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve.
Contudo, existe uma ligação entre eles¹”.

O presente ensaio pretende analisar a construção imagética de Sobral e refletir sobre as transformações da cidade nos escritos de Pe. Mendes Lira (1925-2005). Para tanto utilizaremos como fontes alguns textos do autor publicados na coluna *Nossa História* do jornal *Correio da Semana*, semanário sobralense, e seus livros *De Caiçara a Sobral* (1971), *Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina* (1976). Dialogando com as exigências de uma educação moral e cívica, Lira pretendia lutar pela proteção de monumentos que “falassem mais alto ao coração dos sobralenses”, rememorando os dias de glória e progresso da Princesa do Norte. Nesse sentido, o que era monumento para Lira? Como o conceito de progresso aparece em seu discurso? Que embates de memória existiam sobre a cidade? Quais são as metáforas e as representações feitas por Lira sobre Sobral?

Ao abriremos as edições do jornal católico *Correio da Semana* (fundado em 1918 por Dom José e ainda em circulação) entre os anos de 1971 e 1978, nos deparamos com a coluna intitulada *Nossa História*. O autor da coluna é Padre João Mendes Lira, ou simplesmente Pe. Lira. Membro da Igreja Católica, professor de História da Faculdade de Filosofia e do Colégio Sant’ Anna, Diretor do Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas (departamento da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA), escritor e historiador autodidata. Pe. Lira, durante a década de 1970, empreendeu uma verdadeira batalha a favor da preservação dos monumentos e da memória de Sobral, a fim de desmentir as críticas pejorativas que haviam contra Sobral².

Em 08 de setembro de 1973, Lira escreve em sua coluna semanal um texto intitulado *Os nossos Monumentos*. Nesse texto enfatiza: “Temos necessidade urgente de reconstruir historicamente nossa cidade³”. Reconstruir historicamente a cidade, para o autor, era reconstruir a cidade segundo uma ação de monumentalização. Para Lira os monumentos “representam triunfo, mostram valores, traçam coordenadas, dinamizam o presente e excitam a novas conquistas⁴”. Essa proliferação vertiginosa de monumentos ensinariam através de suas formas e de sua localização dentro da cidade. Uma das propostas de Lira era construir diversos monumentos ao longo da avenida do Arco do Triunfo, pois nela passeavam muitos

¹ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 59.

² Relativo aos apelidos Sobral-Brasil e Estados Unidos de Sobral, muito citados pelo autor que considerava quem os proclamava como “ignorantes que não conhecem a história”.

³ *Jornal Correio da Semana*, Sobral, de 08 de setembro de 1973, Coluna *Nossa História*, Capítulo 113, p. 02.

⁴ *Jornal Correio da Semana*, Sobral, de 08 de setembro de 1973, Coluna *Nossa História*, Capítulo 113, p. 02.

alunos diariamente e dessa forma poderiam ter contato com a história local da cidade. Ele considerava que Sobral não possuía “verdadeiros monumentos”, que deveriam ser dedicados aos conterrâneos ilustres como Domingos Olímpio, Maria Tomásia, Visconde de Sabóia, João Tomé, Vicente Alves Linhares e outros. Para Lira havia a necessidade de concretizar os símbolos de Sobral, pois segundo ele “é próprio de um povo civilizado e culto deixar gravado na pedra ou no bronze os seus feitos gloriosos”⁵. Em *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, o viajante Marco Polo fala ao imperador Kublai Khan sobre a cidade de Tamara e os seus símbolos:

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (CALVINO, 1999, p. 18).

Os monumentos, nesse sentido, seriam aparatos didáticos presentes na cidade aos olhos dos passantes. Teriam caráter educativo e não só informativo. Indicariam a honra, a vaidade, o bom exemplo e os nomes a serem repetidos, sem que fossem necessariamente (re) significados. Não permitiriam intencionalmente, outras visões da cidade (como feito por Kublai Khan com as cidades de seu império que foram por ele desmontadas imagetivamente e deslocadas de seus sentidos, para serem reconstruídas novamente⁶). A repetição é algo presente nos escritos de Lira, posto que a repetição é uma tática para se educar, é uma tática da memória. Ainda citando Calvino “A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir” (CALVINO, 1999, p. 23). Repetem-se locais, datas, nomes, histórias, documentos, acontecimentos a fim de dar forma a uma cidade que foi construída imagetivamente como princesa e que talvez não configurasse na prática gestos de realeza.

Analisamos o *I Plano Diretor de Sobral (1967-1970)* que nos permitiu perceber os problemas existentes na cidade de Sobral na década de 1960. A grande discussão para o planejamento urbano era a habitação e a população. De 1940 a 1960 o aumento populacional total da cidade foi de 66%. Enquanto o crescimento populacional na área rural foi de 33%, o da área urbana foi de 141%. Segundo o *I Plano Diretor*, a cidade era considerada como um atrativo em primeiro estágio, pois a intenção era um futuro deslocamento para grandes metrópoles como Fortaleza. A ocupação desordenada de espaços como os terrenos às margens da estrada de ferro, da estrada de rodagem ou mesmo do rio Acaraú e de lagoas, era uma realidade. Conforme zoneamento tipológico de habitação realizado para o *I Plano Diretor*,

⁵ Jornal Correio da Semana, Sobral, de 08 de setembro de 1973, Coluna Nossa História, Capítulo 113, p. 02.

⁶ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 43.

temos a grande maioria de habitações presentes na Zona de Marginalização⁷ ou também conhecida como “Coroa Marginal” ou “Região Extra-Trilhos”.

Tipologia	Unidades	Porcentagem
Zona Comercial e Residencial	690	9,1%
Zona de Transição (casas de classe alta e média)	1.324	17,4%
Zona de Habitações Populares	740	9,7%
Zona de Marginalização	4.846	63,8%
Total	7.600	100%

A Zona de Marginalização era muito parecida com a Zona de Habitações Populares: sem esgoto, pavimentação, saneamento básico ou assistência sanitária. A coleta de lixo por exemplo era feita apenas na região central que também possuía residências paupérrimas e cobria as zonas Comercial, Residencial e de Transição.

Reunindo as casas precárias que se distribuem nas três Zonas com as existentes na Zona de Marginalização, pode-se afirmar, com boa margem de segurança, que SOBRAL possui 5.173 habitações em condições precárias; em bôa parte êste número é constituído de mocambos⁸.

Esse número corresponde a 68% da quantidade total de habitações na cidade, ocupando consideráveis 80% do espaço urbano. Além dos problemas estruturais, 33% dessas unidades habitacionais sofriam com os alagamentos periódicos do Rio Acaraú⁹. Para Lira, esse crescimento populacional e habitacional desordenado era um fator de disfunção social e moral que fez a cidade “perder suas raízes”. Buscamos, no *Censo Demográfico do Ceará de 1970*, os dados sobre as pessoas que não eram naturais de Sobral. Do total de 11.098 não naturais de Sobral pertencentes à população urbana, 6.491 eram procedentes de zona urbana, enquanto 4.604 eram procedentes de zona rural. Ou seja, nem todos os moradores de Sobral na década de 1970 vinham de áreas rurais. Em *A Evolução Social de Sobral*, Lira dissertou:

Quando Sobral começou a liderar a Zona Norte do Estado, quando nossos colégios começaram a atrair os jovens da Região, quando nossas indústrias começaram a funcionar, quando a inflação começou a despertar a atenção no sentido de que nesta cidade se poderia ganhar dinheiro com facilidade, imediatamente apareceram núcleos populacionais constituídos de adventícios de quase todas as cidades da zona norte. [...] todos os Municípios vizinhos se fixaram aqui em diferentes bairros com seus costumes, com suas tradições e com seu analfabetismo¹⁰.

⁷ I Plano Diretor de Sobral: 1967-1970. Sobral-Ce. Capítulo III: Setor de Urbanismo e Infraestrutura, p. 12.

⁸ Ibidem.

⁹ Zona de Marginalização ocupa o total de 65% e Zona de Habitações Populares total de 15%. Zona Comercial e Residencial ocupa o total de 10% e a Zona de Transição ocupa apenas 8% da área urbana de Sobral.

¹⁰ LIRA, João Mendes. De Caiçara a Sobral. Sobral-Ce, 1971, p. 109.

Lira considerava as pessoas que vinham de outras áreas para Sobral diferentes e não melhores do que os sobralenses: “A este tempo começou a baixar o nível cultural do povo”¹¹. Acreditamos na importância de fazermos um contraponto com a principal ocupação desses núcleos populacionais que era a produção de chapéus de palha. Essa atividade, de baixa renda, era desempenhada principalmente por mulheres e filhos (alguns eram crianças) e não conseguia sanar a falta de conforto, de higiene e de educação das famílias¹². Indiferente a essa situação, o padre considerava o artesanato de chapéu de palha um dos “Quatro grandes acontecimentos que internacionalizaram Sobral”¹³. Segundo Lira, Sobral é a “Capital do Chapéu de Palha” na produção e distribuição de chapéus para outros estados do Brasil e países como Espanha, México, Canadá, Japão, França e etc. Lira considerava que essa atividade “assegura o pão nosso de cada dia” daqueles que vivem desse trabalho¹⁴.

Segundo os dados do Censo do IBGE de 1970, os residentes e não naturais de Sobral vinham de vários estados do Brasil. A maioria deles vinha de outras cidades do Ceará (19.685) e de outros estados como Piauí (303), Maranhão (196) e Pernambuco (123)¹⁵. Se considerarmos o tempo de moradia desses indivíduos, chegamos aos seguintes dados: 7.776 moravam em Sobral há 11 anos ou mais; 3.967 eram moradores fixos entre 6 e 10 anos; 2.855 residia há menos de 1 ano em Sobral. Percebemos que muitos fixaram residência em Sobral e não estavam “só de passagem”. Nesse sentido, essas pessoas foram se integrando à dinâmica da cidade e constituindo famílias através de uniões e casamentos com sobralenses. Lira considerava perigosa essa “miscigenação”, como ele mesmo diz, pois ela ganhava mais espaços da vida social da cidade:

De repente apareceram os novos ricos, surgidos da inflação, muitas vezes sem a instrução devida. Adquiriram terras. Construíram grandes firmas. Dos bairros passaram para dentro da cidade; introduziram-se no comércio, casaram-se entre as principais famílias da cidade, ganharam a política e, assim, perdemos as nossas evocações históricas e até a hegemonia da cidade¹⁶.

O padre retoma o assunto sobre os monumentos em texto de 04 de janeiro de 1975, intitulado *Os Monumentos*. Na ocasião Lira exige que seja prestada homenagem devida a Domingos Olímpio, que para o autor “já faz parte do Patrimônio Nacional. Nós, sobralenses,

¹¹ Ibidem, p. 110.

¹² I Plano Diretor de Sobral: 1967-1970. Sobral-Ce. Capítulo III: Setor de Urbanismo e Infraestrutura, p. 12.

¹³ Esses acontecimentos são: o Eclipse Total do Sol observado em Sobral para comprovar a Teoria da Relatividade de Einstein (1919); a descoberta do Kalazar (Leishmaniose Visceral) em Sobral pelo Dr. Tomás Aragão em 1956; o Museu Diocesano D. José e o Artesanato de Chapéu de Palha.

¹⁴ LIRA, João Mendes. Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina. Sobral-Ce, 1976, p.33.

¹⁵ Censo Demográfico do Ceará – 1970. IBGE: Série Regional, Vol. I – Tomo VII, p. 267 a 278.

¹⁶ LIRA, João Mendes. De Caiçara a Sobral. Sobral-Ce, 1971, p. 109.

devíamos fazer um monumento a ele na proporção de seu gênio criador, como o povo de Juazeiro fez com o Padre Cícero¹⁷”. A necessidade de não somente construir o monumento, mas de construí-lo em seu gigantismo é evidente no discurso de Lira. Mas com isso o padre tem mais uma intenção: glorificar o nome de Sobral como uma cidade culta. “Perpetuar a memória de Domingos Olímpio através de um nobre monumento é eternizar o esforço para elevar Sobral à categoria e cidade intelectual como ele a classificou¹⁸”. Domingos Olímpio é o nome que melhor pode ser associado a uma representação de intelectualidade. Além disso, Lira aponta uma espécie de dívida que o povo tem com o escritor, por ele ter elevado Sobral nacionalmente através de seu romance *Luzia-Homem*. Pensar a cidade é vivenciá-la no imaginário e nos sentidos e para sustentar o imaginário de cidade culta é necessário “provar” seu merecimento. As respostas estão no presente, pois o presente busca ações no passado para se legitimar. A linguagem mobiliza sentidos e não só a fala ou a escrita. O discurso tem a necessidade de coerência para obter o convencimento. O convencimento de sentidos sobre a cidade é garantido por Lira através de transcrições de “documentos de valor histórico” que para ele “comprovam” os seus escritos: “E para que os leitores não encontrem nestas minhas afirmativas sinais de bairrismo convém citar aqui o que diz o Dr. José Rodrigues da Silva, talvez o maior especialista em Kalazar [...]”¹⁹. Era uma preocupação constante do padre de sempre estar resguardado por especialistas ou documentos que pudessem confirmar seu discurso.

Afinal de contas o padre estava reclamando Sobral para os sobralenses e distribuindo ideias de como utilizar a cidade. Lira critica o mau uso dos lugares públicos constantemente em diversas ocasiões, realizando ataques àqueles que ele considerava como responsáveis por esse distúrbio citadino:

E agora estou me lembrando da estupidez (é o único termo que encontro para classificar tamanha ousadia) de alguns sobralenses de destruírem aquele teatro [Teatro São João] para em seu lugar construírem uma Prefeitura quando em Sobral há tantos terrenos ociosos. Aliás, eu acho que esta ideia, não partia de sobralenses mas de dirigentes de Empresas de outras terras aqui radicados, gente absurda que pouco liga quebrar nossas tradições e violar nossos costumes²⁰.

Em uma coluna de 1973 intitulada: *Conhecendo nossa Cidade*, Lira disserta acerca do crescimento de Sobral. Afirma que na segunda metade do século XVIII os sobrados marcam um período de força do comércio de Sobral e a diferenciação de estilo dos mesmos evidenciava requinte e independência com relação a outras cidades do Estado, principalmente

¹⁷ Jornal Correio da Semana, Sobral, de 04 de janeiro de 1975, Coluna Nossa História, Capítulo 188, p. 03.

¹⁸ Jornal Correio da Semana, Sobral, de 04 de janeiro de 1975, Coluna Nossa História, Capítulo 188, p. 03.

¹⁹ LIRA, João Mendes. Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina. Sobral-Ce, 1976, p.32.

²⁰ Jornal Correio da Semana, Sobral, de 15 de fevereiro de 1975, Coluna Nossa História, Capítulo 193, p. 02.

à Capital. O progresso arquitetônico foi ascendendo até que, segundo o autor, no início do século XX há uma “parada de Sobral na arquitetura”. Essa “parada” é identificada por ele como o início das “cópias” que vinham de Fortaleza. A pouca originalidade e requinte são responsáveis pelo declínio da cidade. Antes disso “A nossa Capital não ditava estilo arquitetônico para nós”. Percebemos que Lira evidencia a superioridade de Sobral diante das outras cidades, afirmando a parada do progresso arquitetônico por decorrência das imitações. A saída indicada pelo padre para a continuação do desenvolvimento é “trazer o passado para o presente de modo dinâmico”²¹.

É necessário refletir sobre a questão do progresso tanto relatado por Lira em seus escritos. Há uma positividade inquestionável dos conceitos de progresso, desenvolvimento e civilidade em sua escrita. Para Lira o progresso de Sobral era algo natural, pois a povoação mantinha pontos favoráveis para que isso acontecesse: um povo trabalhador e intelectual, as condições geográficas adequadas e o assentamento da religião católica com a criação da Diocese em 1915. “Revedo-se a história de Sobral a partir de 1750, isto é, desde as suas nascentes, observa-se um desenvolvimento progressivo que se sedimentou através destes seus dois séculos e meio de existência”²². Um “regionalismo de superioridade” está presente na construção da memória sobralense perceptível nos escritos de Lira.

A instituição de Sobral como sede de um bispado foi um importante passo para um crescimento estrutural na cidade. O primeiro bispo ordenado foi o sobralense José Tupinambá da Frota, ou simplesmente Dom José (1882-1959). Lira o considerava o segundo fundador da cidade (LIRA, 1975, p. 104), pois relacionava o período áureo das grandes fundações ao período em que Dom José esteve à frente do bispado. Dentre essas realizações podemos citar a Santa Casa de Misericórdia (1925), o Seminário Diocesano (1925), o Banco Popular de Sobral, o Museu Diocesano Dom José dentre outras obras como estradas, construção de colégios, ordenação de padres e a escrita do primeiro livro sobre a história de Sobral (LIRA, 1975, p. 107-108). Dom José é transformado, portanto no mito da modernização de Sobral sendo homenageado constantemente em eventos, nomes de ruas, de colégios, etc. Ele também foi o responsável por uma configuração específica da cidade no que diz respeito aos seus prédios: “Suas obras arquitetônicas foram estrategicamente dispostas na cidade e deixavam simbolizado o poder temporal da Igreja” (ROCHA, 2003, p.155). Para Lira, D. José estava disposto “a fazer de sua terra natal uma *micro-Roma*”²³.

²¹ Jornal Correio da Semana, Sobral, de 10 de setembro de 1973, Coluna Nossa História, Capítulo 112, p. 02.

²² Jornal Correio da Semana, Sobral, de 21 de janeiro de 1978, Coluna Nossa História, Capítulo 328, pg. 02.

²³ LIRA, João Mendes. Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina. Sobral-Ce, 1976, p.33.

Talvez com o ímpeto de proteger as obras de seu admirado bispo já falecido, Lira se utilizava da escrita na coluna semanal no Jornal *Correio da Semana* para realizar críticas às autoridades locais com relação à preservação do patrimônio de Sobral e reivindica o respeito à memória sobralense. Padre Lira chega a reclamar que o problema vivido por Sobral com relação à falta de preservação do patrimônio era porque os cargos de autoridade da cidade eram assumidos por não sobralenses:

A conclusão é óbvia: os prédios históricos, os poucos monumentos que poderiam constituir um motivo de orgulho para nós, as tradições históricas, a nossa presença dentro do Estado, o nosso nome, tudo isto e mais alguma coisa pouco fala àqueles que não são filhos de Sobral e exercem os cargos mais importantes de nossa Urbe. Quem pode negar esta verdade? (LIRA, 1971, p. 110).

O padre indica-nos que os cargos de interesse da cidade estavam na mão de pessoas que “não são filhos de Sobral”, de estrangeiros provenientes de outros municípios. Analisando a lista de prefeitos da cidade entre os anos de 1967 e 1982 não temos senão sobralenses que assumiram esse posto. Além de que todos pertenciam a famílias nobres de Sobral: Prado, Parente e Ferreira Gomes. O padre defende a retomada da “trajetória histórica” pelos sobralenses e não por outras pessoas. Lira relacionava os temas escritos com os acontecimentos contemporâneos de descaracterização da cidade e assumia uma postura de cobrança perante as autoridades a fim de buscar os monumentos que faziam em sua concepção referência a fatos importantes de Sobral. A justificativa é a de deixar sumo para a posteridade: “desta coluna faço um apelo às autoridades no sentido de preservarem o patrimônio histórico de nossa terra. Isto significa um enriquecimento para aqueles que vierem depois de nós” (LIRA, 1971, p. 26).

Lira era um homem que escrevia na verdade sobre o seu tempo e usava a memória de Sobral para lutar pelo que ele achava que faltava na cidade. Ora, se não existissem os problemas, não haveria a necessidade de alguém que os apontasse ou os escondesse. Para ele a História é entendida como mestra da vida. Portanto, lida com os acontecimentos passados em tom de exemplo para o presente a fim de dar continuidade ao processo de crescimento da cidade, pois segundo ele: “Todas as vezes que um povo quebra o elo que o ligava a seu passado começa necessariamente a regredir”²⁴. O passado serve para mostrar o progresso e a História é vista como continuidade. O padre não reconhece as rupturas como legítimas para o desenvolvimento de Sobral. Ele identifica as rupturas como uma perda das raízes, um desprendimento com o passado. Percebemos que a ideia de continuidade e progressão está

²⁴ Jornal *Correio da Semana*, Sobral, de 01 de dezembro de 1973, Coluna Nossa História, Capítulo 123, p. 02.

presente em seu discurso quando se refere ao passado, ao presente e ao futuro. Em *De Caiçara a Sobral*, Lira escreve:

As cidades são como as pessoas, nascem, crescem, se desenvolvem, permanecem em estado de estagnação e por fim morrem. Observamos a morte de uma cidade quando deixa de haver continuidade entre o passado e o presente, isto é, quando dá-se a ruptura entre passado e presente fazendo surgir novas modalidades de vida, de costumes, de manifestações intelectuais e sociais inteiramente diferentes que apagam e sepultam o passado (LIRA, 1971, p. 109).

Podemos extrair desse trecho pelo menos dois fatores importantes para nossa discussão que estão interligadas entre si. O primeiro é que Lira utiliza uma *metáfora funcional* proveniente de analogias biológicas. Para ele, as cidades se desenvolvem como um ser humano. Horacio E. Caride nos orienta que as associações entre as cidades e os seres vivos são antigas e serviam para explicar a dinâmica das cidades e propor mudanças em sua configuração (CARIDE, 2001, p.45). A comparação com o corpo humano é feita por Lira em seus escritos, quase que dando forma e vida à Princesa do Norte:

A pequena Caiçara [...] transformou-se em uma graciosa menina moça, fazendo inveja a todas as suas irmãs. Descrevendo uma brilhante trajetória **tornou-se adulta** com mais garbo ainda em 12 de Janeiro de 1841. Liderando toda a Região Centro-Norte, de maneira acentuada no setor educacional, **tornou-se Princesa.** Sem se preocupar com as críticas daqueles que não conhecem a sua história, continua iluminando. Aquecendo e abrigando a todos os que procuram a sua influência (grifo nosso)²⁵.

12 de janeiro de 1841 é a data de elevação à categoria de cidade a Vila Distinta e Real de Sobral, que passou a ser chamada de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú (em homenagem à Princesa Januária, irmã de Dom Pedro II). O nome Sobral seria adotado em 1842. “A pequena Caiçara” (metaforicamente indicando um estágio infantil do início da cidade como Fazenda Caiçara) transforma-se em moça e chega à vida adulta quando reconhecida como cidade. A “graciosa menina moça” é quem faz “inveja às irmãs”, mas também é a que educadamente acolhe suas irmãs invejosas, pois precisam de sua influência. As irmãs nesse sentido seriam as outras cidades do estado do Ceará. E a inveja se refere às críticas que Sobral levava. Lira acredita que as piadas e os apelidos sobre a cidade são fruto de ignorância com relação à história. Em texto da coluna *Nossa História*, o padre rende homenagem à Sobral que comemorava na ocasião 137 anos de aniversário da elevação à cidade:

Sobral – quanto mais tu és vítima dos ignorantes da história e te chamam de “Estados Unidos de Sobral”, Sobral-Brasil, mais eu te quero porque cada dia mais tu

²⁵ LIRA, João Mendes. Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina. Sobral-Ce, 1976, p.47.

te firmas com o teu parque industrial e tua vida sócio-cultural. Só se fala (ironicamente) de quem se tem inveja²⁶.

O segundo fator é a visão de naturalidade de progresso, que deve ter necessariamente uma continuidade. Notamos uma noção de história de orientação linear: com começo, meio e fim, sem rupturas e sem mudanças. A cidade, segundo Lira, morre ao perder suas raízes. É o medo do diferente, do novo. Há que se refletir sobre a defesa de um progresso para cidade: que tipo de progresso Lira queria para Sobral? Parece-nos que a ligação, uma continuidade com o passado é de extrema importância para o sacerdote:

Um povo que sabe trazer o passado para o presente de modo dinâmico encontrará sempre um novo caminho para o seu desenvolvimento²⁷.

Um povo que se esquece de seu passado começa a ficar desfibrado, perde a continuidade de suas culturas, é envolvido pelos costumes de outra gente²⁸.

O retorno às origens é evidenciado nos escritos de Lira como a chave para realizar um desenvolvimento adequado. O progresso pautado no passado é possível? Lira parecia acreditar nisso. Podemos inferir que, para Lira, se a cidade é um organismo humano, logo o seu crescimento será natural, como é o crescimento de um organismo vivo. A “menina moça” só ganha o status de princesa quando demonstra ter dinamismo o bastante para desenvolver-se a partir de suas condições físicas. Mas, Lira não poderia admitir uma princesa desmemoriada, logo se mostra necessária uma ligação com o passado. Ele acredita que Sobral está perdendo suas características por ser cativa de “iconoclastas devastadores da história que não são sobralenses natos”:

Quase diria que estou numa terra estranha, avistando nossos prédios históricos sem brilho, sem pintura, sem tratamento, entregues a iconoclastas, verdadeiros devastadores da história. [...] Estamos realmente cativos, pois perdemos as nossas lideranças! Somos uma sociedade de consumo. Dificilmente encontramos à frente de instituições, agremiações sócio-culturais, estabelecimentos de ensino ou quaisquer entidades sobralenses natos. Um povo sem história é um povo anêmico²⁹.

Essa citação de 1978 demonstra certo cansaço e desilusão sobre a cidade. A decepção partiu das transformações que ele considerava negativas para a cidade: “a cidade como símbolo ficou presa na rede psicológica de esperanças frustradas” (SCHORSKE, 2000, p. 61).

²⁶ Jornal Correio da Semana, Sobral, de 14 de janeiro de 1978, Coluna Nossa História, Capítulo 327, p. 02.

²⁷ Jornal Correio da Semana, Sobral, de 10 de setembro de 1973, Coluna Nossa História, Capítulo 112, p. 02.

²⁸ Jornal Correio da Semana, Sobral, de 15 de fevereiro de 1975, Coluna Nossa História, Capítulo 193, p. 02.

²⁹ Jornal Correio da Semana, Sobral, de 20 de maio de 1978, Coluna Nossa História, Capítulo 345, pg. 02.

FONTES

Jornal Correio da Semana – Coluna Nossa História: 10 de setembro de 1973, Capítulo 112; 08 de setembro de 1973, Capítulo 113; 01 de dezembro de 1973, Capítulo 123; 04 de janeiro de 1975, Capítulo 188; 15 de fevereiro de 1975, Capítulo 193; 14 de janeiro de 1978, Capítulo 327; 21 de janeiro de 1978, Capítulo 328; 20 de maio de 1978, Capítulo 345.

Livros:

LIRA, João Mendes. **De Caiçara a Sobral.** Sobral-Ce, 1971.

LIRA, João Mendes. **Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina.** Sobral-Ce, 1976.

I Plano Diretor de Sobral: 1967-1970. Sobral-Ce. Capítulo III: Setor de Urbanismo e Infraestrutura, 1967.

Censo Demográfico do Ceará – 1970. IBGE: Série Regional, Vol. I – Tomo VII.

BIBLIOGRAFIA

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARIDE, Horácio E. **O polvo, a mancha e a megalópole. O urbanismo como representação. Buenos Aires, 1927-1989.** IN: Palavras da Cidade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
COSTA, Lustosa da. **Sobral do meu tempo.** Brasília: Senado Federal, 1982.

KOSELLECK, Reinhart. **“Modernidade”:** Sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: Futuro passado: para uma semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

ROCHA, Herbert. **O lado esquerdo do Rio.** São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo, Sobral; Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabogosa, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHORSKE, Carl E. **A ideia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler.** IN: Pensando com a História. Indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.